
A MÚSICA E O BEM VIVER

[Music and good living]

FILIFE ANDRADE VAZ PARENTE

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

SAULO FERREIRA FEITOSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Resumo: Este artigo busca refletir sobre as relações entre a música e o bem viver. Para tanto, pretende problematizar a ideia de bem viver com foco na vida digna e no bem estar dos seres humanos tanto em sua subjetividade quanto no âmbito das sociedades e culturas. Nesse sentido, o trabalho busca aprofundar a compreensão do que seja o bem viver, e como ele se expressa em suas múltiplas dimensões. Igualmente procura observar e analisar quais as contribuições da música, em seu sentido mais amplo, que não somente o de manifestação artística, para a promoção do bem viver em âmbito social e individual.

Palavras-chave: música; bem viver; culturas.

14

Abstract: This article seeks to reflect on the relationship between music and good living. Thus, it aims to problematize the idea of good living focused on the dignified life and well being of human beings both in their subjectivity and in the context of societies and cultures. In this sense the work seeks to deepen the understanding of what is good living and how it expresses itself in its multiple dimensions. It also seeks to observe and analyze the contributions of music, in its broadest sense, not only that of artistic manifestation, for the promotion of good living in social and individual spheres.

Keywords: music; good living; cultures.

BEM VIVER

(Filipe Vaz)

*À procura de viver melhor
Tantos livros eu já li
Quero asas pra poder voar
Sem da Terra desenraizar
Como pode um peixe vivo
Viver fora do mar
Uma andorinha só
Não faz verão*

*Reza a sabedoria
Que vem dos nossos ancestrais
Se quisermos colher flores
Precisamos semear
Dentro de cada semente
Há um projeto de vida
E que para florescer
É preciso cultivar*

1. INTRODUÇÃO

Viver, embora seja uma condição inexoravelmente atinente ao nosso ser, não é algo simples de descrever, compreender e definir. A vida enquanto fenômeno e manifestação pode ser sentida, observada e, mesmo, analisada e interpretada. Sua compreensão mais ampla, todavia, pode estar muito além de nossa capacidade cognitiva e comunicativa enquanto espécie humana. Por essa razão, em que pese o avanço da ciência moderna em seus processos investigativos, metodológicos, mensurativos, analíticos, avaliativos e descritivos, ainda existem muitas lacunas e mistérios que se desdobram dessa coisa que se chama vida.

Aliás, não é apenas a ciência que se debruça em desvendar tais mistérios e formular explicações sobre o que seja a vida, bem como quais são os seus desdobramentos e implicações. Muito antes de seu desenvolvimento, os povos e as comunidades humanas, por meio de seus artistas, filósofos, sábios e instituições, de cunho religioso ou não, intentam fazer o mesmo, cada qual com sua peculiaridade e viés. Da mesma forma, no transcurso da história e dentro da diversidade das sociedades humanas, diferentes elucubrações e concepções sobre a vida vieram à

tona, distinguindo-se entre as diversas culturas e indivíduos com respectivas vivências e biografias.

Não menos importante que a reflexão, a interpretação e a busca pela definição da vida, é, num sentido menos teórico-analítico e mais pragmático, o reconhecimento, a busca e a construção das melhores formas e modos de viver, ou seja, não se trata apenas de viver, mas viver com dignidade. Nesse sentido, alguns autores distinguem a vida da existência, tal como prescreve o seguinte aforismo atribuído ao filósofo grego Plutarco¹: “É preciso viver, não apenas existir”. Enquanto existir seria somente estar presente física, temporal e espacialmente em determinado lugar, viver seria algo muito mais amplo, que levaria em conta os significados, os sentidos, as razões, as sensações e, em última instância, a própria consciência do existir bem como suas causas e consequências. Por sua vez, o filósofo contemporâneo Giorgio Agamben (2002) traz da cultura grega para suas reflexões dois conceitos distintos sobre a vida: *zoé* e *bíos*. A *zoé* é a vida nua, comum a todos os seres (vegetais, animais e divindades). Essa pode também ser entendida enquanto vida biológica. Ao passo que a *bíos* é a vida política que traduz a forma própria de viver de cada indivíduo ou grupo social. É a vida digna de ser vivida.

Mas o que seria afinal uma vida digna? Talvez essa seja a pergunta mais repetida ao longo da história humana em todas as suas épocas e nos mais diferentes contextos. Essa indagação aparentemente simples traz em seu bojo uma incomensurável complexidade. De fato, inúmeras foram e são as tentativas de respondê-la, tanto na esfera subjetiva quanto na esfera social e no seio das mais diversas culturas, mas nenhuma delas jamais logrou consolidar-se como resposta completa e universalmente aceita. Dada a heterogeneidade cultural e, levando-se em conta a dimensão subjetiva de cada indivíduo, é bem provável que essa resposta geral e universal nunca venha a existir, e talvez a maneira mais sensata de conviver com esse dilema seja a da aceitação e, melhor ainda, a da valorização da diversidade.

¹ Viveu entre 46 e 120 d.C.

Cada povo, cultura, sociedade e indivíduo trazem consigo histórias, conhecimentos, vivências, experiências e sabedorias peculiares que se foram desenvolvendo no transcurso da trama da existência. Essa diversidade inerente à teia da vida planetária, se reconhecida e valorizada, enriquece o arcabouço de conhecimento humano e pode beneficiar reciprocamente todos os envolvidos, numa lógica de troca de saberes, diálogo e cooperação. Nesse sentido, vale trazer à tona esta perspectiva de um indígena do povo Guarani Mbya:

A nossa forma de viver é o mais simples possível, não há nenhuma complexidade como os *jurua*² criam. Complexidade só existe porque se cria, mas, no nosso caso, é diferente. Vivemos simplesmente, plantamos, louvamos a deus, temos uma forma de viver. (trecho de fala de Ronaldo Costa – *Karai Tukumbo – Tekoa Pirai* – Araquari/SC, in: PIERRI, 2010, p. 66)

A alteridade não deve ser vista, necessariamente, como antagônica ou mesmo como ameaça ao nosso modo de ser e viver. Quando um povo, uma sociedade ou uma pessoa tenta impor seus valores a terceiros, cria-se uma relação hierárquica que pode descambar em variadas formas de dominação, como a colonização e a colonialidade (ARIAS, 2010). Tais assimetrias mais prejudicam do que favorecem a plenitude de uma vida digna para os atores envolvidos nessas relações, independentemente da posição que ocupem, haja vista que o bem estar e o modo de ser e viver de cada ator envolvido interfere de alguma forma na relação, especialmente num contexto de maior interação e fluidez entre as fronteiras identitárias, territoriais, entre outras, como se pode constatar na contemporaneidade. Por outro lado, o diferente, numa perspectiva dialógica, pode ser visto como complementar a nossas limitações e percepções, e vice-versa, numa lógica de reciprocidade. Mas, para tanto, é necessário abertura e construção de pontes e diálogos de forma horizontal, baseados em valores como o respeito e a cooperação. Segundo Árias (2010, p. 8):

El sentido de la existencia – que construye el pluri-multi-verso de significados que hace posible nuestro caminar por el mundo y la vida – sólo es posible por la

² - Os brancos ou a sociedade dominante.

presencia fundante em nuestras vidas de los otros. La vida es un acto supremo de alteridad, ya que nada somos sin los otros, puesto que el outro habita inexorablemente en nosotros, y nosotros habitamos inevitablemente ne los otros.

Nesse sentido, para viver bem e com dignidade, é preciso, sobretudo, saber conviver, ou seja, saber compartilhar a existência de forma equilibrada e respeitosa com todos os demais seres vivos que fazem parte da comunidade planetária, incluindo-se os seres não humanos, como plantas e animais. Para existir e viver, a humanidade precisa do planeta em condições equilibradas. A degradação ambiental afeta diretamente a qualidade de vida dos seres humanos, em última instância, pode comprometer sua existência no planeta Terra.

2. O QUE SERIA O BEM VIVER E QUAL A SUA RELAÇÃO COM A MÚSICA?

É PRECISO SABER VIVER

(Roberto Carlos e Erasmo Carlos)

*Quem espera que a vida
Seja feita de ilusão
Pode até ficar maluco
Ou morrer na solidão
É preciso ter cuidado
Pra mais tarde não sofrer
É preciso saber viver
(...)*

18

Na perspectiva que traz este artigo, existem diversos modos de ver, viver, ser, fazer e estar no mundo, todos eles com suas especificidades, legitimidades e construções histórico-culturais. Tais modos podem dialogar entre si e se complementarem numa lógica cooperativa, de forma a contribuir para o enriquecimento da humanidade em vários aspectos e dimensões. Assim sendo, não existiria uma fórmula única e geral para o bem viver, pelo contrário, o mais sensato seria falar em bem(s) viver(es), no plural, e não no singular, como corrobora Ibañez, 2016, p.6: “(...) um elemento-chave do Bem Viver é que ele não é possível sem diversidade e pluralidade; não existe um modelo único de Bem Viver.”.

Portanto, quando qualquer um desses modos sobrepõe outros na busca pela hegemonia, cria-se um desequilíbrio que se manifesta na exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem. Esse desequilíbrio gera efeitos negativos que afetam diretamente a qualidade de vida, o bem estar e, por conseguinte, os bem(s) viver(es). Quais seriam, então, os caminhos para a manutenção do equilíbrio ecológico, incluindo-se na ecologia as sociedades humanas, bem como de que maneira se estabeleceria a vida digna nas diferentes comunidades de vida? Essa é outra pergunta para a qual não se pode restringir o número de respostas e, igualmente, não se trata de uma questão exata e objetiva que possui resposta correspondente. Sua complexidade, entretanto, não impede que se possa realizar reflexões a respeito.

A ideia de bem viver tal qual se debate atualmente, emerge no seio das sociedades latinoamericanas e se espraia pelo universo científico e popular, perpassando as reflexões acadêmicas bem como as manifestações sociais, políticas e artísticas contemporâneas. Ela ganha força e se robustece na medida em que o modelo hegemônico de desenvolvimento e civilização se esgota, aprofundando a crise sistêmica e planetária. Como proposta de um novo processo civilizatório mediante o qual se busca o resgate e a promoção de valores comunitários tais como a cooperação, a espiritualidade e o respeito às diversas formas de vida, sinaliza para uma necessária transição do paradigma antropocêntrico para o biocêntrico, de forma a garantir o equilíbrio ecossistêmico em escala planetária.

Conforme Acosta (2012, p. 77):

El Buen Vivir se fundamenta en una ética de lo suficiente para toda la comunidad, y no solamente para el individuo. Su preocupación central no es acumular para luego vivir mejor. De lo que se trata es de vivir bien aquí y ahora, sin poner en riesgo la vida de las próximas generaciones, lo que también implica distribuir ahora la riqueza y los ingresos para empezar a sentar las bases de una sociedad más justa y equitativa, es decir, más libre e igualitaria.

Na mesma linha, Rodríguez (2014, p. 17) corrobora:

En claro contraste, la cosmología del VBBV³ apuesta por una ética biocéntrica, donde la naturaleza o Pacha Mama tiene un valor intrínseco o imanente, independiente de las valoraciones subjetivas, y donde todo lo existente hace parte de un mismo proceso vital. Por consiguiente, mientras en el ideal de vida buena del desarrollo se trata de actuar de tal forma que se consiga el bienestar para los seres humanos, desde el punto de vista del VBBV la apuesta es por alcanzar no solo el bienestar de los seres humanos, sino sobre todo la persistencia de la vida.

A noção de bem viver foi inspirada inicialmente na cosmologia e nos modos de vida tradicionais dos povos indígenas da região da Cordilheira dos Andes e acabou influenciando as leis e constituições do Equador e da Bolívia. Povos tradicionais dessa região falantes do idioma *quichua* designam o bem viver como *sumak kawsai*, enquanto os falantes do idioma *aymara* denominam-no pela expressão *suma qamaña* (RODRÍGUEZ, 2014). Atualmente, entretanto, pode-se afirmar que a ideia de bem viver vem se nutrindo também de cosmologias e modos de vida de outros povos indígenas e, também, de povos e comunidades tradicionais espalhados pelo planeta.

De acordo com Feitosa (2015, p. 11):

O Bem Viver representa um movimento de reconstrução ética da vida daqueles povos que sofreram um processo de perseguição, repressão e destruição de seus projetos de vida, de seus modos de viver. Ele não significa uma volta ao passado, mas um projetar o futuro. Um futuro não só dos povos indígenas, mas de toda a humanidade, que pela violenta imposição colonial encontra-se hoje submetida a um processo de globalização. Uma realidade que os povos indígenas se propõem a transformar, apresentando para tanto a proposta do Bem Viver como alternativa àquele modelo.

A difusão do bem viver como conjunto de pressupostos éticos e críticos em relação à racionalidade mercadológica e instrumental hegemônica enfrenta uma série de obstáculos e desafios. A lógica capitalista prevalecente nos últimos séculos e potencializada nas últimas décadas, sobretudo entre as nações da dita cultura ocidental, encabeçada pelos países do norte, em especial do continente europeu, além do Canadá e dos Estados Unidos, espalhou-se por diversas regiões do planeta por meio de processos de dominação violentos e invasivos, associados a cooptação, aliciamento e constituição de elites locais subservientes aos desígnios dos centros

³ - Abreviação de Viver Bem ou Bem viver.

de poder, tal como se deu na colonização dos países latino-americanos pelas potências capitalistas europeias.

Embora a colonização em muitos países da América Latina tenha sido oficialmente abolida com os processos de independência e criação dos Estados-nações modernos, muitos resquícios dessa dominação permaneceram arraigados nas instituições monárquicas e republicanas que se sucederam e persistem até os dias de hoje, ainda que sob o verniz de processos políticos e eleitorais supostamente democráticos. Tal processo é reconhecido como colonialidade e se manifesta nas dimensões do saber, do poder, do fazer, do ter, do ser, entre outras (ARIAS, 2010). O modelo hegemônico que perpassa as instâncias políticas, jurídicas, econômicas e, de maneira mais complexa, alcança também as instâncias sociais e culturais, alicerça-se nessa estrutura de raízes coloniais que transitou do colonialismo para a colonialidade. Dessa maneira, os modelos e paradigmas emergentes que se robustecem em decorrência da resistência, insatisfação e crise inerente ao sistema hegemônico, necessariamente sofrem pressões e abafamentos, além de não se sustentarem ao longo do tempo senão mediante a persistência e a luta constantes.

“Não é possível falar do Bem Viver sem um processo de descolonização.” (Ibañez, 2016, p.7). Em outras palavras, para que o Bem Viver se consolide e se difunda cada vez mais entre os diversos segmentos da sociedade, é necessário um esforço contínuo no sentido de identificar os mecanismos que sustentam os processos de dominação calcados na exploração do homem pelo homem e da natureza pelo homem em nome do lucro e do capital. Na sequência à identificação de tais mecanismos, estabelecer iniciativas e processos de desconstrução de forma individual e coletiva, espontânea e organizada, ou seja, em todas as frentes possíveis, tanto na opção por ações como o consumo consciente e o êxodo urbano, quanto na luta política junto aos movimentos sociais, por exemplo.

Como a batalha ou a disputa entre modelos e paradigmas permeia os mais diversos âmbitos da existência humana vinculada à vida em sociedade, torna-se fundamentalmente importante que o enfrentamento ocorra de múltiplas

maneiras e nos mais diferentes contextos. No âmbito acadêmico, torna-se imprescindível a discussão epistemológica a fim de garantir a democratização nos processos de produção do saber, de forma a transformar esse ambiente num território cada vez mais diverso, inclusivo e plural que respeite e incentive o diálogo de saberes e as relações interculturais. Desses diálogos de saberes e relações interculturais, podem resultar movimentos e processos emancipatórios os quais, se não forem capazes de revolucionar – desconstruindo o atual modelo/sistema hegemônico vigente e construindo novas formas de ser, estar e fazer –, em curto ou médio prazos, ao menos desencadearão e impulsionarão transformações e ressignificações necessárias para a qualificação e sustentabilidade dos processos de desenvolvimento.

Nesse sentido, vale ressaltar as diversas formas e estratégias de resistência e afirmação que povos indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais dos campos e das florestas vêm adotando ao longo dos últimos cinco séculos, no que –concerne à realidade do continente americano. Não sem conflitos e inúmeros tipos de coerção, muitos desses povos vêm resistindo bravamente aos avanços inescrupulosos do capitalismo e de uma sociedade envolvente que muitas vezes ignora e nega suas raízes, fomentando várias formas de preconceito e discriminação. Não obstante esse cenário adverso, boa parte deles têm logrado preservar e/ou resgatar e afirmar suas tradições e cultura, e, por vezes, a língua materna, os costumes e territórios (espaço-tempo onde todos esses elementos se criam e se reproduzem, sobretudo por meio da oralidade, dos cantos, das danças, dos adornos e dos rituais). Isso não significa que toda essa riqueza e diversidade não estejam permanentemente em tensão pelas ameaças do processo homogeneizador implementado pelo modelo hegemônico vigente.

A título de destaque, vale frisar que os territórios ocupados por esses povos estão entre os mais preservados em termos de biodiversidade conforme apontam relatórios divulgados por observadores nacionais e internacionais, superando até mesmo alguns tipos de unidade de conservação, fator fundamental numa época em que as mudanças climáticas causadas pela ação antrópica, entre

outras formas de degradação ambiental, ameaçam como nunca antes na história da humanidade, a vida e a existência humana no planeta Terra. Nesse aspecto, Feitosa (2015, p. 14) considera:

(...) podemos afirmar que há uma diferença substancial entre a ética ambiental capitalista e as éticas ambientais indígenas, enquanto a primeira se orienta por uma perspectiva antropocêntrica, as segundas são biocêntricas, conseqüentemente a primeira visa o desenvolvimento (progresso), enquanto as outras visam o envolvimento (cuidado) e propõem uma relação de reciprocidade entre os seres humanos e a natureza. Diante disso, pode-se concluir que as éticas indígenas representam um chamamento à humanidade para que esta reencontre o seu elo de ligação com o cosmos, elo que foi fraturado pela racionalidade ocidental, mas que necessita ser restaurado para o Bem Comum da natureza e da humanidade.

Para além da busca do equilíbrio e da harmonia na relação entre o ser humano e a natureza, reforçando a ideia de que o homem pertence à natureza e não o contrário, a noção de bem viver também traz em seu bojo um viés crítico no que diz respeito à desigualdade social e à concentração de riqueza via acumulação. Dessa maneira, essa perspectiva se opõe radicalmente ao modelo hegemônico de produção capitalista que se disseminou para os mais diversos rincões do planeta em face do processo de globalização incrementado pelos avanços tecnológicos desde a revolução industrial até a revolução nos meios de transporte e comunicação a partir de meados do século XX. O bem viver baseia-se numa ética do necessário avessa à acumulação e à especulação, bem como no respeito por todas as formas de vida.

23

Viver Bem é buscar a vivência em comunidade, onde todos os integrantes se preocupam com todos. O mais importante não é o ser humano (como afirma o socialismo) nem o dinheiro (como postula o capitalismo), mas a vida. Pretende-se buscar uma vida mais simples. Que seja o caminho da harmonia com a natureza e a vida, com o objetivo de salvar o planeta e dar a prioridade à humanidade. (CHOQUEHUANCA, 2010)

Segundo Feitosa (2015, p. 12):

Na economia do Bem Viver o valor de uso está acima do valor de troca, invertendo a lógica capitalista que justifica a acumulação. (...) Embora o Bem Viver tenha um significado simbólico e particularidades culturais por ser uma proposta originada nas comunidades tradicionais ameríndias, sua propositura pressupõe a dimensão global da ética. Por isso, está posta na perspectiva de construir, com base numa interculturalidade crítica, uma nova forma de vida que

seja exequível para todas as sociedades humanas, tendo em conta suas especificidades culturais e seus processos históricos.

A música, enquanto manifestação humana relacionada às artes, à religião e a outros campos do conhecimento possui algumas características que podem ser associadas à busca pela harmonia, pelo equilíbrio e pelo bem viver, tanto em âmbito subjetivo quanto social. Há muitos estudos e pesquisas, especialmente nas ciências médicas e sociais, que revelam o potencial da música na promoção da saúde e do bem estar coletivo e individual. Segundo Areias (2016, p.7):

A música é uma forma de expressão inerente ao ser humano, suscetível de partilha de emoções ou afetos. A interação que promove fortalece as relações humanas, aumentando a empatia e o prazer nesse relacionamento. Favorece ainda a evocação de memórias emocionais, sendo, assim, um veículo para sentimentos inatingíveis de outro modo. (...) Os efeitos da música no ser humano são conhecidos há milhares de anos. Contudo, a receptividade é subjetiva, dependendo do estado emocional de cada um. Embora as bases fisiológicas da musicoterapia não sejam ainda bem conhecidas, sabe-se que a música melhora a qualidade de vida, tendo influência em certas variáveis da saúde, como podem ser as cardíacas e cerebrovasculares.

Para Barreto (2005, p. 47-48), “A música cria um espaço meditativo e permite ao indivíduo entrar em contato consigo mesmo, com suas emoções. A música permite a eclosão da emoção subjacente que permeia o grupo (...) Assim, o recurso musical facilita a construção da comunidade”. Na mesma direção, Suess (2015, p.199) afirma: “(...) a música é um código cultural que promove a unidade social/cultural de forma expressiva e que tem o poder de unir grupos culturais e permitir que sua identidade cultural seja reconhecida e fundada”. Nesse sentido, pode-se dizer que a música pode cumprir um papel importante em termos de fomentar processos de coesão social e afirmação identitária em âmbito individual e coletivo.

Uma vez que exerce significativa influência na coesão social e na afirmação identitária, a música, como muitos povos e comunidades tradicionais muito bem sabem e fazem, presta relevante serviço no que concerne à manutenção das tradições, costumes, língua e cultura. A título de exemplo, podemos citar o uso do canto e da música pelos indígenas da etnia Fulni-ô, único povo indígena do nordeste que ainda fala sua língua-materna denominada Ia-té. Pode-se dizer que,

além da reconhecida importância que o sigiloso ritual do Ouricuri desempenha no sentido da manutenção das tradições culturais desse povo, a música e o canto entoado na língua materna, sem dúvida, são fundamentais para a preservação do laté. Também podemos citar a importância do canto e das músicas para outros povos indígenas do Brasil como os guarani, entre outros povos, sobretudo aqueles que têm mais tempo de contato com a sociedade envolvente, que inclusive incorporaram aos seus ritos instrumentos musicais que foram trazidos por populações estrangeiras, como no caso do violão, que foi ressignificado e adaptado também aos contextos ritualísticos.

A musicalidade, ou a capacidade humana de comunicar e expressar ideias, reflexões, narrativas, louvações devocionais ou qualquer outra forma de comunicação mediante a conjugação de palavras a determinadas formas de ritmo, melodia e harmonia, ou mesmo sem palavras, por vezes contando com o auxílio de instrumentos fabricados a partir de materiais de origem mineral, vegetal e animal, extraídos da natureza (pedras, madeira, peles e ossos, etc.) ou apenas por meio das faculdades corporais (assobio, canto, dança, etc.), figura-se como fenômeno de abrangência universal, em que pese suas variantes culturais e espaço-temporais, que pode ser constatado desde os primórdios das civilizações e, mesmo, antes da emergência de formas de organização social mais complexas.

De acordo com Wazlawick *et al* (2007, p.106):

A música age sobre a cultura que lhe dá forma e da qual ela deriva, ao mesmo tempo em que se insere na estrutura dinâmica onde ela própria se formou (...) A atividade musical, enquanto integrante de uma cultura, criada e recriada pelo fazer reflexivo-afetivo do homem, é vivida no contexto social, histórico, localizado no tempo e no espaço, na dimensão coletiva, onde pode receber significações que são partilhadas socialmente e sentidos singulares que são tecidos a partir da dimensão afetivo-volitiva e dos significados compartilhados. Desta forma, falamos de vivências coletivas e singulares da música, sempre em meio ao contexto histórico-social.

Ainda segundo os mesmos autores:

A música, enquanto uma produção, enquanto resultado da ação criadora do homem no meio social, histórico e cultural deve ser compreendida em todas as instâncias deste próprio mundo, construído pelo fazer humano, impulsionado por suas necessidades, mas também por sua busca de beleza, de criatividade, permeada pela dimensão afetiva e pelo sentir, dimensões que estão interligadas.

(...) Assim, o significado da música depende do jogo, da cena, do cenário, do contexto, dos personagens, dos músicos, instrumentistas, cantores, ouvintes, suas canções e suas narrativas. Depende do sujeito que utiliza a música, que com ela se relaciona e com ela está implicado, que constrói seus significados com base nesta relação. Existe uma construção social e particular do significar em música, sempre em um contexto social (WAZLAWICK *et al* 2007, p.110-111).

Múltiplos são, portanto, os usos e as aplicações da música, igualmente diversos são seus contextos de produção e fruição. Constata-se, todavia, de maneira geral, uma procura ativa ou uma aceitação passiva pela música, em decorrência de seus efeitos sensivelmente benéficos ao equilíbrio e harmonia do ser humano em âmbito individual e social, seja no que diz respeito a transformações positivas nos seus modos de ser, sentir, agir e pensar, seja no aspecto coletivo da coesão social, compartilhamento e convivência, seja meramente no que se trata de relaxamento, prazer e entretenimento. Contudo, a depender da forma como a música, sua penetração e potencialidade de impactar os indivíduos e a sociedade são empregadas, articulando-se seus elementos e variantes com propósitos egoísticos e manipuladores, ela pode provocar efeitos desestruturantes.

O poder da música pode, portanto, influenciar determinados comportamentos e padrões de consumo, como se pode constatar na sua frequente utilização pela indústria do marketing e da propaganda, mas também pode ser empregado como ferramenta e estratégia na promoção da saúde e do bem estar, tal qual se observa no contexto da musicoterapia. Muito usual, vale ressaltar, é sua presença nos contextos religiosos, recreativos e festivos, correspondendo às aspirações e desejos tanto sagrados quanto profanos. Conforme Areias (2016, p.7): “(...) a música é transformadora e capaz de criar estados psíquicos e físicos diferentes no ser humano. É uma forma de expressar emoções e sentimentos em campos tão diferentes como podem ser o social, económico, ambiental ou religioso.” Também se percebe a utilização da música em contextos sociais e políticos, muitos dos quais perduram no imaginário e na memória coletiva, em larga medida em decorrência de seu emprego e difusão.

Dessa maneira, a música pode e vem sendo utilizada por povos indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais, populações e

movimentos dos campos e das florestas, além de populações e movimentos das cidades, seja no contexto urbano, seja no rural, como forma e estratégia de luta e resistência. As músicas, os cantos e as danças presentes no toré (ritual praticado por diversos povos indígenas do Nordeste, entre eles os Kariri-Xokó e os Potiguara) e no parixara (ritual praticado por povos indígenas de Roraima como os Macuxi e Wapixana), além dos cantos ritualísticos entoados pelos povos indígenas que comungam tradicionalmente a bebida sacramental popularmente conhecida como ayahuasca tais como os Ashaninka e os Huni Kuin, ambos situados no estado do Acre, podem ser considerados como elementos cruciais para o fortalecimento identitário e cultural desses povos, o que, por conseguinte, contribui para sua coesão social e resistência frente a processos desestruturantes exógenos, alheios ou alienígenas⁴.

As ladainhas, rezas, e festas tradicionais realizadas por diversas comunidades quilombolas, como a célebre Festa do Divino organizada pelo povo Kalunga da região centro-oeste do Brasil, bem como boa parte das inúmeras festividades, rituais, trabalhos e atividades desenvolvidas por diversos povos e comunidades tradicionais como os ciganos, pescadores, ribeirinhos, pomeranos, quebradeiras de coco babaçu, entre outros, têm como pano de fundo a música. Essas práticas tradicionais são fundamentalmente importantes no que diz respeito à valorização cultural e identitária desses povos e comunidades. Igualmente, essas manifestações culturais podem ser consideradas como focos de resistência num contexto global de homogeneização cultural.

Além da presença e atuação da música como fator de resistência cultural e luta por uma vida digna, ou seja, um bem viver, nesses contextos tradicionais, vale ressaltar o papel que ela cumpre também nos contextos urbanos da sociedade nacional, e nos processos de mobilização de importantes movimentos sociais organizados no Brasil. Notoriamente reconhecida como parte da história cultural do país é a contribuição do tropicalismo⁵, entre outras manifestações influenciadas

⁴ - Alienígena neste contexto significa “estrangeiro”.

⁵ - Movimento cultural encabeçado por músicos como Tom Zé, Gilberto Gil e Caetano Veloso.

pela contracultura, da música de cunho social e político de compositores como Geraldo Vandré, Chico Buarque e Chico César, mais atualmente, entre outros. Cada qual com seu estilo e estética inspiraram e foram inspirados pelos contextos sociais políticos e culturais de sua época. Fato é que algumas de suas composições cristalizaram elementos significativos presentes no imaginário coletivo dos respectivos momentos em que foram materializadas.

Um dos principais movimentos sociais organizados do país, o Movimento dos Sem Terra (MST), que se estruturou a partir da década de 1980, também faz uso da música como tática de agregação e mobilização. Pode-se afirmar, contudo, que para além da dimensão coesiva, a música desempenha uma função formativa importante no contexto desse movimento e na sua estratégia de comunicação não apenas com os integrantes do movimento social, mas também com a sociedade nacional, como parte de afirmação política. Suas marchas pela reforma agrária e pela reivindicação de direitos, sobretudo o direito à terra, costumam ser acompanhadas por canções/hinos, muitos dos quais compostos por integrantes do próprio movimento. Algumas dessas canções, inclusive, se popularizaram para além do âmbito do movimento em si, obtendo um alcance e projeção nacional tal como esta canção composta por Zé Pinto e interpretada pela famosa cantora e intérprete Beth Carvalho:

ORDEM E PROGRESSO
(Zé Pinto)

*Esse é o nosso país
Essa é a nossa bandeira
É por amor a essa pátria Brasil
Que a gente segue em fileira
Queremos mais felicidades
No céu deste olhar cor de anil
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
No verde esperança sem fogo
Bandeira que o povo assumiu
Amarelos são os campos floridos
As faces agora rosadas
Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas*

*Se o branco da paz se irradia
Vitória das mãos calejadas
Esse é o nosso país...
Queremos que abrace essa terra
Por ela quem sente paixão
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
Quem põe com carinho a semente
Pra alimentar a nação
A ordem é ninguém passar fome
Progresso é o povo feliz
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz
A Reforma Agrária é a volta
Do agricultor à raiz
Esse é o nosso país...*

Atualmente, o cenário de possibilidades de uso e emprego da música está cada vez mais complexo e difuso, especialmente com o advento das tecnologias digitais mais recentes no âmbito da comunicação, como a internet e as redes sociais que se criam por meio de programas e aplicativos e são facilmente acessadas através de *smartphones*⁶, entre outros aparatos tecnológicos. Nunca foi tão fácil e disponível a um grande número de pessoas acessarem e, mesmo, produzir e difundir conteúdos musicais. Como destaca Valente (2013, p. 246):

(...) o desenvolvimento tecnológico possibilitou a criação das redes sociais, com consequências importantes na formação de novas sensibilidades, hábitos de escuta e fruição dos repertórios musicais. (...) Sem deixar de mencionar o crescimento do repertório armazenado no sítio Youtube.com, que vem possibilitando ressuscitar do passado maciçamente um vasto arsenal sígnico para o momento presente, ao mesmo tempo em que viabiliza o lançamento de novos astros, a partir de uma “fabricação” com equipamentos domésticos, em produções caseiras.

Ainda é relativamente cedo para tecer reflexões mais profundas acerca das consequências para a sociedade de uma maneira geral dessa aparente democratização na possibilidade de produção e comunicação musical via internet. Mais cedo ainda seria para comentar sobre os possíveis impactos ou influências que essa suposta democratização na acessibilidade e nos meios de produção e difusão musical teriam sobre as formas de pensar, ser, estar e fazer no mundo. Portanto, seria precipitado concluir que as novas tecnologias de internet e redes sociais necessariamente contribuiriam para o fortalecimento de perspectivas voltadas para o Bem Viver, bem como de músicas a ele relacionadas.

⁶ Celulares que apresentam funções similares a de computadores.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise sistêmica e profunda nas relações humanas e na relação entre o homem e a natureza, agravada pelo modelo de desenvolvimento que vêm sendo imposto nos últimos séculos aos diversos povos e populações do planeta, ganhou proporções inimagináveis por meio dos avanços tecnológicos e do processo de globalização. Suas consequências nefastas vêm ameaçando a vida e, mesmo, a existência humana. A qualidade de vida e o bem estar social têm se deteriorado na medida em que o produtivismo e o consumismo não conseguem garantir a felicidade humana e, além disso, exaurem a natureza e desequilibram os ecossistemas.

Nesse contexto em que a sustentabilidade das diversas formas de vida e existência se encontra ameaçada, é urgente e necessário fortalecer perspectivas e processos de desenvolvimento alternativos ao modelo hegemônico, a fim de que novas respostas e soluções venham a atender o anseio dos seres vivos por permanecerem na sua jornada existencial neste planeta. O Bem Viver se apresenta como um novo, porém ancestral, paradigma que defende o resgate e o fortalecimento dos valores comunitários, do encantamento do sagrado e das relações harmônicas entre os seres humanos, e entre esses e a natureza. A música, por sua vez, através de seus atores (compositores, músicos, dançarinos, reprodutores e ouvintes), vem sendo há séculos, senão milênios, utilizada como importante veículo de expressão e comunicação de ideias, sentimentos e reflexões as quais, por conseguinte, podem desencadear ações no meio físico e sociocultural.

Dessa maneira, música e bem viver, embora não se confundam enquanto conceito e prática parecem estar intrinsecamente ligados, especialmente no que diz respeito à possibilidade de serem empregados de formas diversas na inspiração de sonhos e na construção de utopias capazes de estimular o imaginário subjetivo e coletivo a vislumbrar alternativas frente à opressão característica do modelo de desenvolvimento hegemônico imposto pela cultura ocidental globalmente. Assim

sendo, a associação entre música e bem viver como ato e estratégia de resistência e afirmação, pode render bons frutos tanto em nível pessoal quanto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ACOSTA, Alberto. **O Buen Vivir**: uma oportunidade para imaginar outro mundo.
- AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AREIAS, José Carlos. **A música, a saúde e o bem estar**. Rev. Nascer e Crescer, vol. XXV, nº 1, Porto-Portugal: 2016.
- ARIAS, Patricio Guerreiro. **Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes**. CALLE14, volumen 4, número 5//julio-diciembre: 2010.
- BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia comunitária passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.
- CHOQUEHUANCA, David. **25 Postulados para entender o Bem Viver**. Disponível em: http://www.economiasolidaria.org/noticias/vivir_bien_propuesta_de_modelo_de_gobierno_en_bolivia. Entrevista concedida em 23 de fevereiro de 2010: 2010.
- FEITOSA, Saulo. **Perspectivas Éticas Indígenas (Indigenous Ethical Perspectives)**. *Encyclopedia of Global Bioethics*. 1ed. Springer International Publishing, USA, 2015.
- IBAÑEZ, Mario Rodríguez. **Conversatório sobre o Bem Viver – desafios do fazer político em nosso tempo**. Rev. Ponto de Debate n. 4. Fundação Rosa Luxemburgo: jan, 2016.
- PIERRI, Daniel Calazans. **GUATA PORÃ – Belo caminhar**. CTI, São Paulo: 2015.
- RODRÍGUEZ, Edwin Cruz. **Hacia una ética del vivir bien-buen vivir**. *Producción + Limpia - Julio - Diciembre* de 2014. Vol.9, No.2 – 11-22: 2014.
- SUESS, Rodrigo Capelle. **Uma leitura do estado de Goiás (Brasil): elos entre música, território e lugar**. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía* 25 (1): 195-206. DOI: 10: 2015.
- VALENTE, H. de A. D. **Paisagens sonoras, trilhas musicais: retratos sonoros do Brasil**. Per Musi, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.239-249.
- WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise; MAHEIRIE, Kátia. **Significados e Sentidos da Música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 1, p. 105-113, jan./abr. 2007.